

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN
2 e 6 de Março de 2023

RAINING IN THE MOUNTAIN / KONG SHAN LING YU / 1979

um filme de King Hu

Realização, Argumento: King Hu / Fotografia: Henry Chan / Música: Ng Tai Kong / Direcção Artística: King Hu / Director de Artes Marciais: Wu Ming-Tsai / Montagem: King Hu / Interpretação: Hsu Feng (Raposa Branca), Sun Yueh (Escudeiro Wen), Tung Lin (Chiu Ming), Tien Feng (General Wang), Wu Chia-Hsiang (Mestre Wu Wai), Lu Chan (Hui Wen), Paul Chun Pui (Hui Ssu), Chen Hui-Lou (Tenente Chang Cheng), Kim Chang-Gean (Abade), Shih Chun (Hui Tang).

Produção: Lo & Hu Company Productions (Hong Kong, Taiwan) / Produtores: King Hu e Wu Sau-Yee / Produção Executiva: Lo Kai-Muk, Ling Chung / Produtor: Hon Kapo-Chan / Cópia: em DCP, cor, falada em mandarim, legendada em inglês e eletronicamente em português // Duração: 122 minutos / Estreia comercial: 11 de Julho de 1979, Hong Kong / Primeira exibição na Cinemateca.

Nascido em Pequim, King Hu (1931-1997) mudou cedo para Hong Kong, onde em 1949 começou a colaborar com vários estúdios, com destaque para o dos famosos irmãos Shaw. Foi com eles que realizou os seus primeiros dois filmes, entre os quais **Come Drink With Me / Da Zui Xia** (1966), que o revelava desde logo com um dos grandes mestres do género wuxia – cinema de artes marciais –, enquanto procedia a uma sua clara renovação do género, ao combiná-lo com as suas ambições estéticas e literárias em obras que demonstravam um conhecimento profundo da pintura, da história e da ópera tradicional chinesa. Entre os seus filmes mais conhecidos está **Dragon Inn / Long Men Kezhan**, que realizou em 1967 já em Taiwan e que foi desde logo um grande sucesso. O excelente acolhimento de **Dragon Inn** permitiu a King Hu realizar um filme tão ambicioso como **A Touch of Zen / Xia Nu** (1971), considerado por muitos a sua obra-prima, uma grandiosa produção que revelava claramente o nível elevado das aspirações de Hu, conquistando um prémio no Festival de Cannes e forjando definitivamente a sua reputação internacional.

Em *Planet Hong Kong* David Bordwell descreve o seu cinema de modo exemplar apontando para algumas das suas principais características, que em grande parte assentavam no cuidado extremo que King Hu colocava em cada um dos filmes. Como afirma Bordwell “em trinta anos King Hu apenas fez onze longas-metragens, e a sua fama fica associada a seis longas e duas curtas, todas ‘contos de espadachins’ (...) Todavia, King Hu não estava interessado nas técnicas de combate, e creditou a excelência dos combates dos seus filmes a Han Ying-che (conhecido no ocidente como o vilão de **Big Boss / Tang Shan Da Xiong**, 1971, de Bruce Lee). Não obstante a sua produção exígua, King Hu foi provavelmente o melhor realizador dos anos sessenta e setenta. Tanto como

estudioso, como enquanto cineasta, pensava o guarda-roupa e os cenários em detalhe. Planeava os seus filmes fastidiosamente, entregando os storyboards de cada cena ao elenco e à equipa – um processo inédito na produção altamente improvisada de Hong Kong. Ao filmar em Taiwan, na Coreia do Sul e em Hong Kong podia aproveitar-se de locais espetaculares, evitando o ar ligeiramente sufocante que permeia os melhores filmes de Zhang Che e Lau Kar-leung (...).”

Raining in the Mountain / Kong Shan Ling Yu (1979) é um exemplo claro destas e de outras das principais qualidades do cinema de King Hu, que desde cedo abandona o estúdio, passando a filmar ao ar livre, e que revela um certo desinteresse pelos combates em si, em prol de uma cuidada *mise-en-scène* plena de soluções engenhosas e de grande impacto a nível visual que, no seu conjunto, evoca a pintura tradicional chinesa, a par da frequentemente citada influência da Ópera de Pequim. Foi aliás o já referido Han Ying-che, antigo aluno da Ópera de Pequim e praticante de artes marciais, que começou a coreografar os movimentos das lutas nos seus filmes, que se revelam como bailados pouco convencionais.

Raining in the Mountain surpreende de entrada pelas suas paisagens lindíssimas, em que a natureza em flor é admiravelmente fotografada. Se Taiwan era o sítio ideal para a realização destes filmes wuxia devido à sua paisagem ainda “pré-moderna”, o mesmo acontecia com a Coreia do Sul, onde foi rodado **Raining in the Mountain** e o seu “filme gémeo”, **Legend of The Mountain / Shan Zhong Zhuan Qi**, que conta com a mesma equipa e foi realizado quase ao mesmo tempo por King Hu. Não obstante uma complicada rodagem devido à falta de condições num local tão remoto, King Hu tira inteiro partido do isolado tempo budista da região montanhosa em que filma. Grande conhecedor da história chinesa e em particular da Dinastia Ming, Hu aplica plenamente tal conhecimento em **Raining in the Mountain**, cuja narrativa situa na China nesse período. A “vontade de poder” e a corrupção que assola as instâncias do poder são os temas que dominam mais uma história de ressonâncias abrangentes que cruza várias linhas paralelas – a luta pela sucessão no convento, a tentativa de roubo de um manuscrito valioso por dois grupos rivais, etc. –, em que se destaca o papel de Hsu Feng, a heroína por excelência do cinema de King Hu, que encontramos, mais uma vez, com a força e impassibilidade que lhe são habituais.

É surpreendente a quase ausência de diálogos nos longos primeiros minutos do filme, em que King Hu demonstra uma extrema destreza no que se refere ao movimento das personagens e da câmara no espaço e ao uso cuidado da cor, que tem uma função simultaneamente tempo plástica e narrativa, mas também um uso muito curioso do som, que se prolonga ao longo do filme. Se a influência da Ópera de Pequim se manifesta na coreografia dos momentos em que as artes marciais se convertem em pura dança acrobática das personagens, o mesmo acontecerá ao nível do original uso do som e da música, quando as camadas se sentido se expandem pelo uso de tradicionais instrumentos de percussão, que ritmicamente pontuam os momentos de perseguição e de luta.

Hu usa magistralmente a montagem para criar saltos ilusórios no ar em que as personagens parecem voar, como tão bem revela o bonito combate e perseguição final por

entre árvores e montanhas. Magnificamente coreografada, esta sequência tira pleno partido de rápidos zooms de aproximação e movimentos de câmara que se manifestam numa montagem abrupta que desconcerta o espectador assim como desconcerta o adversário através de surpreendentes cortes elípticos. Todos estes são elementos reveladores de um grande domínio da montagem e de uma apurada *mise-en-scène* que se estende dos cenários ao guarda-roupa, tudo confluindo num estilo pleno de musicalidade, cujo artífice é sempre King Hu, que acumula inúmeras funções no filme.

Admirador das filosofias taoista e budista, esta é também uma obra em se manifesta a predileção de Hu por um universo indefinido entre o mundo das aparências e a realidade, que encontra o corolário na sequência final. É o velho sacerdote que ajuda os fugitivos a atravessar o rio na sua barca, mas resta perceber para que mundo os levará. Um mundo mágico dotado de criaturas fantásticas: mulheres guerreiras que executam enigmáticos saltos em câmara lenta e manuseiam faixas coloridas, transformando-se os seus gestos numa coreografia que nos transporta para um universo desconhecido.

Joana Ascensão